

# Pastore nega que parcela do 'jumbo' dependa do FMI

BRASÍLIA — O Presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, negou ontem, enfaticamente, que a liberação da parcela inicial de US\$ 3 bilhões do empréstimo-jumbo de US\$ 6,5 bilhões pelos bancos credores internacionais esteja condicionada ao desembolso da primeira parcela do financiamento do Fundo Monetário Internacional (FMI) para este ano, no valor de US\$ 390 milhões.

— Esta vinculação só existe na cabeça do Colin. Só pode ter sido uma falha do inglês dele — afirmou, referindo-se à declaração prestada, na véspera, pelo Presidente do Banco do Brasil, Oswaldo Colin.

Pouco depois das declarações de Pastore, a informação de Colin foi confirmada pelo Diretor-Executivo do Lloyds Bank International, Eric Whittle.

— Ele deve estar desinformado, também, infelizmente — rebateu

Pastore, ao ser consultado sobre a afirmação do banqueiro inglês.

O Presidente do Banco do Brasil, que almoçou ontem com Whittle e Pastore, reiterou que, mesmo não existindo uma vinculação formal entre as duas parcelas, ocorre "de fato" uma expectativa dos bancos em relação ao crédito do FMI.

Pastore explicou que só haverá vinculação entre os recursos do Fundo e os dos bancos internacionais para a liberação das quatro últimas parcelas do jumbo num total de US\$ 3,5 bilhões (cada uma será de US\$ 875 milhões).

O Presidente do BC acredita que a fase de assinaturas do jumbo tenha sido concluída ontem, restando apenas a formalidade chamada "notícia de saque" para que o primeiro desembolso ocorra entre 8 e 10 de março. Até o início da tarde, entretanto, Pastore não havia recebido nenhum comunicado de Nova York sobre o assunto.

12 FEVEREIRO 1984

## Turbulências

EMBORA formalizado e com os seus motores em rotação, custa a decolar o empréstimo "jumbo" dos banqueiros internacionais ao Brasil.

HÁ UMA dança de datas e uma encenação de condições imprevisíveis para a liberação dos recursos, como se tudo estivesse ainda na estaca zero.

ANACÃO precisa saber o que está acontecendo exatamente. Muitas têm sido as explicações da parte brasileira, mas por si só não conseguem remover as dificuldades que ora se evidenciam.

NINGUÉM ignora que a credibilidade pública do programa econômico-financeiro do Governo constitui fator fundamental para o seu êxito. As turbulências na rota do "jumbo" tendem a afetar esse clima de confiança sob o qual os brasileiros deveriam associar os esforços exigidos pela crise, e portanto quanto mais rápido o desimpedimento do caminho tanto melhor para as nossas ansiosas expectativas de recuperação.

**Se não ocorrerem profundas mudanças sociais, o Brasil deixará de existir no início do próximo século**

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES,  
Economista, professora da UFRJ

